

Empreendedorismo na Base da Pirâmide: Um Estudo de Caso em uma Comunidade Recém-Pacificada

Giovanni Victor Evangelista de Barros¹
Fernando Igor Pinho Pinto²
Valeria Teixeira de Castro³

Resumo: O presente artigo objetiva identificar o perfil dos empreendedores da comunidade do Cantagalo, na cidade do Rio de Janeiro. Para alcançar este objetivo, analisou-se de forma histórica e contextualizada o espaço e os empreendedores. Esta análise possibilitou a compreensão do atual momento da comunidade e a reação dos negócios locais às mudanças ambientais decorrentes pacificação. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso múltiplo e contou com a realização de entrevistas semiestruturadas com a atual gestão da associação de moradores e com empreendedores locais. Analisando o conteúdo reunido à luz das principais escolas do empreendedorismo concluiu-se que a maioria dos entrevistados estava motivada a iniciar um negócio ou a continuar empreendendo por motivos simples, independência e autonomia. Em relação à reação dos empreendimentos locais à mudança de cenário, observou-se uma perspectiva favorável para os novos negócios, que tendem a sair da informalidade, uma consequência do maior acesso à informação.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Empreendedorismo local. Empreendedorismo na base da pirâmide. Pacificação.

1 Introdução

O Empreendedorismo vem ganhando notoriedade nos últimos anos e se tornando um tema de interesse para acadêmicos e pesquisadores. Este interesse se fundamenta na visão de que empreendimentos sustentáveis e inovadores representam uma ferramenta poderosa na busca pelo desenvolvimento socioeconômico de países, regiões e até mesmo localidades.

Recentemente, diversas comunidades de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro viram sua rotina mudar com a implantação da Unidade de Polícia Pacificadora. Esta política de Segurança Pública saiu do papel em 20 de novembro de 2008 com a inauguração da UPP da favela Santa Marta, a primeira a ser implantada.

A recuperação destes territórios por parte do Estado trouxe de fato mais segurança e conforto para os moradores e empreendedores locais e, além disso, proporcionou uma melhora visível no dia-a-dia destas pessoas, o que tornou possível a percepção de oportunidades antes nem imaginadas.

Este novo panorama na cidade do Rio de Janeiro motivou esta pesquisa e despertou o interesse pela realização do estudo em uma comunidade pacificada em especial, o morro do Cantagalo. A região Cantagalo-Pavão-Pavãozinho recebeu a UPP no dia 23 de dezembro de 2009, sendo a quinta a ser pacificada. As justificativas para sua escolha como cenário deste

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: giovannievangelista@id.uff.br

² Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: fernando.pinho@live.com

³ Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: valeriatcastro@gmail.com

estudo foram a facilidade de acesso e uma rede de contatos pré-existente, o que provavelmente daria ao projeto uma maior amplitude.

O objetivo geral deste estudo é identificar o perfil dos empreendedores e microempresários que atuam na base da pirâmide social, levando em consideração aspectos como a sua trajetória de vida, a sua trajetória empreendedora, o seu papel dentro da comunidade, as particularidades dos negócios e o impacto na economia local. Para melhor compreender estas iniciativas foi necessária uma análise contextualizada e histórica tanto do espaço quanto dos indivíduos envolvidos.

São objetivos específicos desta pesquisa:

- Compreender como nascem estes empreendimentos e o contexto no qual estão inseridos.
- Estudar a reação dos negócios locais à mudança de cenário decorrente da pacificação.
- Entender o funcionamento destes empreendimentos e suas principais características.
- Identificar o impacto que estes pequenos empreendimentos trazem a economia local.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e esta opção foi feita com o intuito de dar ao estudo uma maior profundidade. Com uma amostra de número reduzido foi possível tratar de forma mais interpretativa as respostas obtidas nas idas ao campo.

2 Empreendedorismo na base da pirâmide social

O Empreendedorismo é um dos temas mais pesquisados por acadêmicos da área das Ciências Sociais Aplicadas e, dentro deste tema, identificam-se estudos com as mais diversas direções, desde o intraempreendedorismo, o empreendedorismo social, o empreendedorismo feminino, até o ensino de empreendedorismo. O interesse por pesquisas neste tema cresceu de forma rápida e surpreendente nos últimos anos impulsionado pelo entendimento de que o empreendedorismo é um fator capaz de conduzir o desenvolvimento socioeconômico esperado.

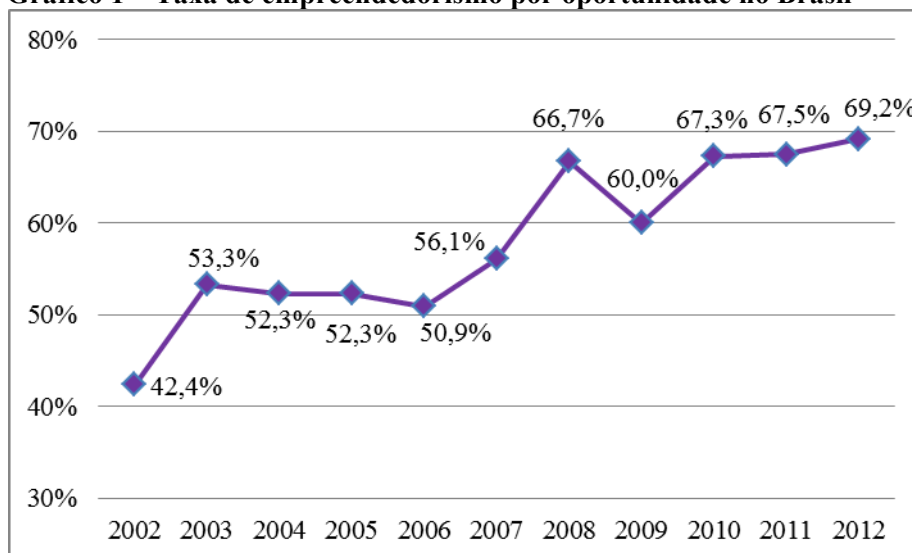
O economista franco-irlandês Richard Cantillon já assumia uma definição para o empreendedor em sua obra intitulada *Essai sur la Nature du Commerce en Général*, publicada 20 anos depois de sua morte, em 1754. De acordo com Cantillon (1959), o empreendedor é o indivíduo que assume os riscos e as incertezas na expectativa de obter lucros.

Apesar da diversidade e da variedade de estudos, uma grande dificuldade encontrada ao se investigar o tema é o estabelecimento de uma definição única, consensual e aceita em qualquer lugar. É difícil definir Empreendedorismo, pois o ato de empreender assume inúmeros significados ao redor do mundo.

As publicações sobre o Empreendedorismo na base da pirâmide social crescem cada vez mais e dialogam de forma clara com as recentes mudanças no cenário econômico brasileiro. Estas mudanças são evidenciadas pela redução da desigualdade social e a emergência de uma classe que antes não participava de forma tão ativa na economia. Segundo Rocha e Silva (2008), os empreendedores que residem e/ou atuam nas comunidades de baixa renda constituem a “elite do morro”, microempresários que representam símbolos de ascensão social.

Os resultados trazidos pelo Global Entrepreneurship Monitor – GEM, estudo realizado anualmente com objetivo de acompanhar a atividade empreendedora em diversos países, revelam o avanço do país na última década. No ano de 2002, 42,4% dos empreendimentos no Brasil eram motivados por oportunidade e 57,6% por necessidade e, dez anos depois, no ano de 2012, 69,2% dos empreendimentos são motivados por oportunidade e 30,8% motivados por necessidade. O gráfico abaixo expõe esta evolução.

Gráfico 1 – Taxa de empreendedorismo por oportunidade no Brasil

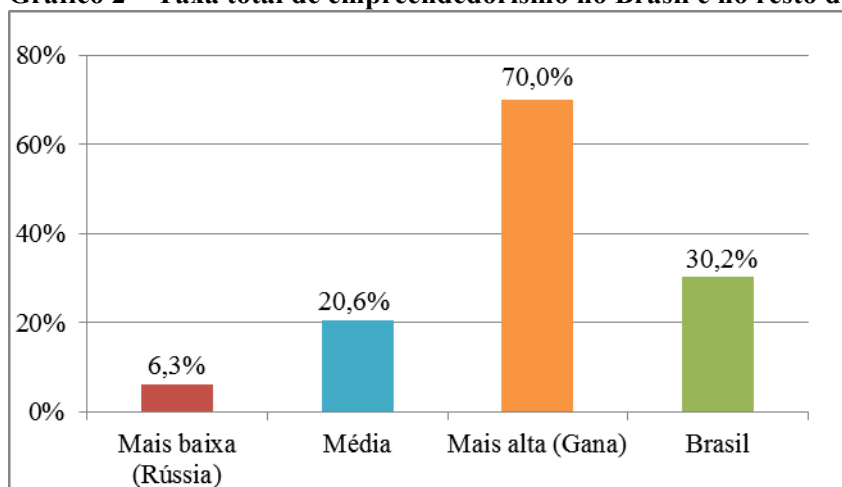


Fonte: GEM 2012

As atuais condições do país em termos de empreendedorismo podem ser melhor ainda julgadas quando comparadas as taxas de empreendedorismo no Brasil e as taxas observadas ao redor do mundo. No ano de 2012, por exemplo, a Taxa Total de Empreendedorismo no Brasil foi de 30,2%, acima da média dos países envolvidos na pesquisa, que é de 20,6%.

O gráfico abaixo reflete esta situação.

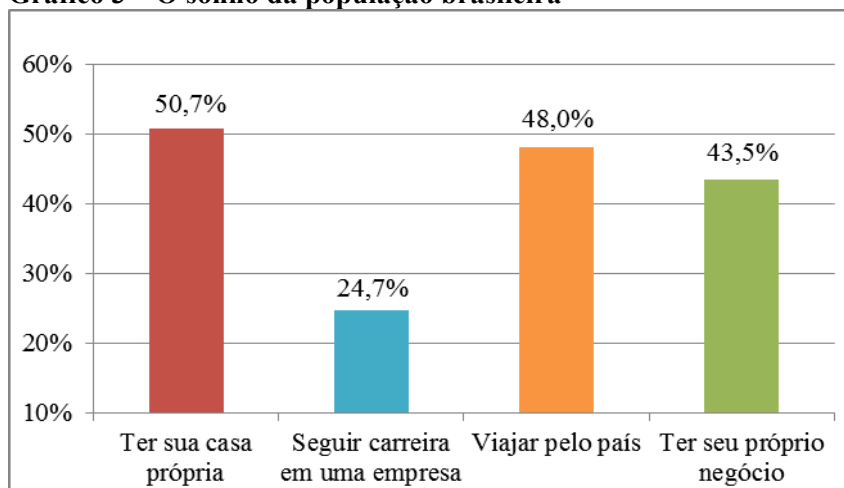
Gráfico 2 – Taxa total de empreendedorismo no Brasil e no resto do mundo



Fonte: GEM 2012

No relatório de ano de 2012 foi incluída uma questão que buscava responder qual seria o sonho do brasileiro, abrir seu próprio negócio, ter a casa própria, viajar pelo país ou ter uma carreira em uma empresa? Com os resultados obtidos, observa-se a preferência do brasileiro por abrir seu próprio negócio (alternativa escolhida por 43,5% dos respondentes), se comparada com a alternativa de seguir carreira em uma empresa (alternativa escolhida por 24,7% dos respondentes), o que revela a maior predisposição do brasileiro por empreender.

Gráfico 3 – O sonho da população brasileira



Fonte: GEM 2012

Diante da dificuldade em se encontrar uma definição comum e predominante, o presente estudo apresenta as escolas que mais se destacam nesta temática, a saber, a escola econômica, a escola comportamentalista e a escola positivo-funcional. Embora revelem conceitos distintos, as abordagens permitem que seja estabelecida a relação com o fenômeno de interesse desta pesquisa, o empreendedorismo na base da pirâmide social.

Joseph Schumpeter, autor de “*A teoria do desenvolvimento econômico*” e principal teórico da abordagem econômica já enxergava o empreendedorismo e a sua potencialidade como ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico. Segundo Schumpeter (1982), o empreendedorismo é uma ferramenta de mudança econômica e o empreendedor é, neste contexto, o ator principal, capaz de romper com os costumes e os padrões mercadológicos, ele traz a inovação e, conseqüentemente, cria novos mercados.

Um dos aspectos que despertam maior interesse de acadêmicos e pesquisadores são os comportamentos recorrentes aos empreendedores e é justamente neste aspecto que se fundamenta a corrente dos comportamentalistas.

Os estudos da perspectiva comportamentalista se apoiam em concepções vindas das ciências humanas, como a psicologia, a sociologia e a filosofia. Esta escola, como o próprio nome sugere, tem ênfase na análise comportamental do empreendedor. Segundo Fillion (1999), esta corrente enxerga o empreendedor à luz de seus valores individuais, levando em consideração fatores como suas necessidades, sua propensão à assumir riscos e a crença de que o sucesso está ligado ao seu esforço.

Os fundamentos conceituais desta escola foram bastante influenciados pelas percepções de McClelland (1961; 1971; 1972), um de seus principais teóricos, que destaca o aspecto motivacional como orientador da ação empreendedora e que a motivação do

trabalhador está relacionada à 3 fatores/necessidades: a necessidade de realização, de afiliação e de poder.

Segundo McClelland (1961; 1972), os trabalhadores apresentam as 3 necessidades citadas anteriormente, mas uma delas se destaca quando se trata da figura do empreendedor, a necessidade de realização. É principalmente a necessidade de realização que dirige o comportamento dos indivíduos empreendedores. Na base da pirâmide social esta necessidade fica ainda mais evidente, na medida em que os indivíduos desejam ascender socialmente.

A necessidade de realização compreende o desejo de buscar o sucesso, de superar obstáculos e de alcançar resultados considerados difíceis e de grande importância, esta característica é facilmente encontrada em empreendedores locais, pois os mesmos, na maioria das vezes, apresentam um perfil de iniciativa e dependem do funcionamento do pequeno negócio.

Embora muitos estudos já tenham sido feitos à luz da perspectiva comportamentalista, os resultados obtidos não permitiram uma definição precisa e garantida da personalidade e dos comportamentos destes indivíduos. Segundo Filion (1999), os estudos realizados não conseguem traçar um perfil psicológico para o empreendedor, pois o mesmo interage com o mercado e é influenciado.

Alguns teóricos propõem que a relação indivíduo-ambiente não poderia de forma alguma ser descartada na busca pela equação da ação empreendedora. Esta premissa se evidencia nos estudos realizados por Kets de Vries (1996) onde o autor destaca o empreendedorismo como um fenômeno regional, sendo o empreendedor afetado por uma série de variáveis, como as necessidades, os hábitos e os costumes de uma região.

Esta visão dialoga de forma direta com a Escola positivo-funcional, cujo trabalho mais relevante foi o de Miner (1998), que enxergava os empreendedores como agentes de mudança e de criação de novos empreendimentos, adaptando-se ao contexto e evoluindo em conformidade com o meio onde atuam, ou seja, os empreendedores na base da pirâmide social estão sujeitos ao ambiente que frequentam, aos indivíduos com os quais interagem, etc.

3 Metodologia

Este estudo objetiva identificar o perfil dos empreendedores da comunidade do Cantagalo, assim como os efeitos da recente mudança de cenário. A princípio, esta pesquisa estaria direcionada a uma análise aprofundada dos empreendimentos locais e das pessoas que estão à sua frente, mas, conforme dito anteriormente, isto não seria suficiente para tornar os resultados os mais esclarecedores possíveis. Diante disto, mergulhou-se a fundo nas particularidades de cada negócio e também na história da comunidade.

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso múltiplo, pois contou com a realização de entrevistas semi-estruturadas com microempresários locais (mais de um) e com a atual gestão da associação dos moradores, além da observação direta dos acontecimentos. Segundo Yin (2005), um estudo de caso é um trabalho estritamente empírico onde se busca compreender os fenômenos contemporâneos em meio à seu contexto. O estudo de casos múltiplos segue o mesmo padrão metodológico e se diferencia na medida em que mais de uma entidade é analisada, o que o confere maior amplitude.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas entre os dias 24 de abril de 2012 e 17 de julho de 2013 e todas as gravações de áudio foram feitas com o consento dos entrevistados, sendo transcritas e revisadas posteriormente. Este modelo de entrevista foi

escolhido por conceder flexibilidade à coleta das informações, por apresentar um caráter mais informal e por dar ao entrevistado maior liberdade para se aprofundar no tema.

Embora flexíveis, as entrevistas precisavam conservar as questões fundamentais à pesquisa e para isto um planejamento e um roteiro foram feitos de forma antecipada com o propósito de dar as entrevistas o direcionamento desejado.

A observação direta foi outra importante fonte de informação utilizada ao longo desta pesquisa e ocorreu principalmente no contato com os empreendedores e com os moradores de forma geral, sempre animados e abertos ao diálogo. Este recurso consiste na experiência direta com as pessoas envolvidas na pesquisa e de acordo com Patton (2002), apresenta uma grande vantagem, pois permite uma visão ampla e contextualizada do fenômeno.

Como ponto de partida para a coleta de informações, optou-se por realizar uma visita à associação de moradores do Cantagalo, onde seria possível conversar com o atual presidente e com outras pessoas envolvidas no seu dia-a-dia, além de formar uma rede de contatos dentro da comunidade, o que seria favorável para o andamento da pesquisa. Em seguida foram realizadas outras entrevistas, desta vez com os microempresários locais.

Ao todo, foram realizadas 5 entrevistas com empreendedores locais e 1 entrevista com o então presidente da associação de moradores da comunidade. Os entrevistados foram o casal E1 (donos de uma lanchonete), a E2 (dona de uma lavanderia e de uma boutique), a E3 (dona de uma salão de beleza, a E4 (dona de uma padaria e um sacolão) e a E5 (dona de uma pensão). As entrevistas seguiram esta respectiva ordem.

4 Apresentação e análise de resultados

Os resultados que serão apresentados nesta seção foram coletados nas entrevistas realizadas e na observação direta no campo, como já falado. As conversas foram todas importantes para a pesquisa e permitiram conhecer um pouco dos personagens e sua trajetória empreendedora.

A entrevistada 5, dona de uma pensão e bastante conhecida na comunidade, é dentre os entrevistados a personagem com a idade mais avançada e que apresenta a trajetória empreendedora mais longínqua. Ela conta que começou a empreender vendendo quentinhas no ano de 1978, quando estava desempregada, grávida e com 4 filhos para criar, um exemplo claro do que é empreender por necessidade. Quando perguntada se pretendia continuar com o seu negócio e se tinha planos para o empreendimento ela afirmou:

“Isto aqui foi para mim uma fonte de renda e me ajudou bastante na criação dos meus filhos, e aí foi crescendo, crescendo e as pessoas conhecendo, daí os anos foram passando e eu continuando aqui. Graças a Deus estou com meus filhos todos criados e a minha pensão representa a minha independência”. (E5)

A maioria dos empreendedores entrevistados tiveram empreendimentos anos antes ou acumularam experiência em seus empregos anteriores, este é o caso da entrevistada 3, dona de um salão de beleza. Na entrevista realizada, ela conta que trabalhou por bastante tempo em um salão de beleza fora da comunidade e que na medida em que o tempo foi passando, despertou o interesse por abrir seu próprio negócio, mas isso só se concretizou quando engravidou.

“Eu nunca quis e minha mãe sempre falando, vamos abrir seu próprio negócio. Eu dizia que não, que não queria, que era muita responsabilidade, aí acabou que engravidei e falei, agora vou abrir meu próprio negócio e aí abri”. (E3)

O entrevistado 1, dono de uma lanchonete há 5 anos também sonhava em abrir o empreendimento quando ainda tinha seu emprego garantido. Em seu depoimento ele conta que já trabalhava em uma rede de lanchonetes e acumulava experiência enquanto sua mulher trabalhava em um salão de beleza. O negócio foi pra frente em 2008, quando os dois deixaram seus empregos, reformaram o local escolhido para a lanchonete e começaram os trabalhos.

As entrevistas realizadas com os empreendedores locais permitiram uma análise ainda mais aprofundada destas recentes transformações e a compreensão dos impactos diretos sobre estes pequenos negócios. De acordo com as informações obtidas, os empreendimentos cujos clientes estavam concentrados na comunidade foram menos afetados pela pacificação, suas vendas permaneceram estáveis. Os negócios cuja maioria dos clientes vinha de fora da comunidade foram os que apresentaram um aumento nas vendas.

A entrevistada 2, dona de uma lavanderia e de uma boutique afirma que suas vendas aumentaram bastante neste curto espaço de tempo e que este aumento nas vendas ocorreu pois muitas pessoas passaram a morar na comunidade e os que não moravam se sentiram mais tranquilos para utilizar principalmente os serviços da lavanderia. Ela conta que hoje a lavanderia conta com 500 clientes cadastrados, um número bastante expressivo.

A entrevistada 5, conta que, apesar de grande parte de seus clientes estarem fora da comunidade, suas vendas permaneceram estáveis, já que as vendas para esse público são feitas sob entrega. Perguntada sobre a origem de sua clientela ela respondeu:

“Os meus clientes são da rua. Aqui tem dia que vem 5, tem dia que vem 20, tem dia que não vem nenhum. Depende muito do movimento que está dentro do prédio. Sábado e Domingo não tem ninguém dentro do prédio, então é um dia em que não vem ninguém. Agora, durante a semana tem dia que enche e tem dia que vem 2, 3, tem dia que vem 8. Hoje almoçaram 11 pessoas aqui, na rua acho que foram umas 40. Então eu tenho mais fregueses na rua do que aqui. Aqui eu ainda não tenho aquela clientela, ainda não fiz aquele enunciado, botar cartaz, etc”. (E5)

Embora recentes, as melhorias na comunidade começam a surtir efeito no comércio local. A melhora na infraestrutura da comunidade é uma das principais vantagens para os empreendimentos. Esta melhora compreende a realização de obras como as citadas anteriormente, como a revitalização da rede elétrica e a ampliação e renomeação das ruas e vielas.

A legalização dos negócios foi outro ponto bastante discutido em meio às entrevistas, sendo possível verificar que todos os negócios foram registrados há pouco tempo e a maioria destes registros foram feitos após a pacificação do Cantagalo e na forma de microempreendedor individual. Os únicos estabelecimentos visitados que já eram legalizados antes mesmo da pacificação eram a padaria e o sacolão, empreendimentos sob a direção da mesma pessoa.

A entrevistada 4, dona destes estabelecimentos conta em depoimento que se viu obrigada a regularizar os estabelecimentos quando recebeu uma proposta para atender à hotéis e restaurantes na proximidade.

“O meu registro eu fiz através de uma contadora, porque antes mesmo de a comunidade estar pacificada eu já fornecia pão para hotéis, restaurantes, obras, por

isso precisava de um CNPJ, o meu já deve ter uns 5 anos. Na época eu paguei um dinheirão, porque era caro, uns R\$ 1000,00 para legalizar a empresa. Teve uma época em que o pessoal veio e fechou todos os comércios e eu não tive esse problema porque já tinha o meu CNPJ”. (E4)

Ela acreditava que com a regularização dos empreendimentos poderia dar os próximos passos e expandir os negócios. O estímulo para regularizar o funcionamento dos negócios veio também do curso de empreendedorismo que realizou. Além da entrevistada 4, a entrevistada 2 e a entrevistada 1 buscaram se aprimorar através do mesmo curso, oferecido pelo SEBRAE.

Para extrair informações dos empreendedores e microempresários locais as entrevistas foram realizadas conforme o planejado, mas outro importante contato feito foi a conversa com o então presidente da associação dos moradores, cujo depoimento foi bastante elucidativo para uma compreensão das atuais condições da comunidade.

Segundo informações oferecidas pelo presidente da associação, a recente pacificação já provoca alguns efeitos no dia-a-dia da população e uma série de projetos e obras tiveram início com a chegada da UPP. Abaixo estão listadas os projetos já realizados e os que ainda estão em andamento:

- PAC 1 (já concluído).
- PAC 2 (está em andamento e tem previsão de término para o final de 2014).
- Revitalização da rede elétrica da comunidade.
- Realização da topografia da comunidade (iniciado em 2006).
- Renumeração dos CEPs e renomeação de ruas e vielas.
- Construção de uma nova sede para a associação de moradores (em andamento).

A maioria destes projetos decorre da facilitação do acesso à comunidade, graças ao retorno do Estado ao território que era antes controlado pelo tráfico.

Em relação à economia local, o entrevistado afirma que o comércio sempre sofreu muito com a concorrência externa (grandes redes de supermercados), principalmente nas compras do dia-a-dia. Os efeitos sobre os negócios locais também foram nítidos e puderam ser facilmente observados. Neste cenário, os bares tiveram uma queda em suas vendas e o setor de serviços cresceu bastante neste curto espaço de tempo, impulsionado pelo surgimento de empreendimentos como salões de beleza, pousadas e hostels.

A queda na venda dos bares é compreensível, afinal estes empreendimentos dependiam bastante do comércio de bebidas, que sofreu um forte impacto com a pacificação. Segundo as informações obtidas, o tráfico de drogas e o comércio de bebidas sempre estiveram relacionados, e seus públicos sempre foram parecidos. Enquanto isso, o crescimento no setor de serviços pode ser explicado pela facilidade de acesso à comunidade, que melhorou bastante, principalmente com a chegada da estação de metrô General Osório, inaugurada em 21 de dezembro de 2009.

5 Conclusão

As entrevistas realizadas permitiram identificar nos empreendedores do Cantagalo uma característica bastante encontrada em empreendedores mundo afora, a procura por independência. Uma boa parte dos entrevistados estava motivada a iniciar um novo negócio e a continuar empreendendo por um simples motivo, independência e autonomia, estavam cansados dos trabalhos anteriores e resolveram cuidar de seu próprio negócio.

A experiência direta com os entrevistados e com os moradores da comunidade revelou a importância do atual momento para o desenvolvimento da comunidade e a trouxe a visão de que as mudanças no ambiente influenciaram diretamente não só os pequenos negócios da região, mas também a economia local e a comunidade, de forma geral.

Nas visitas realizadas ao campo, observou-se que os avanços em termos de acesso à informação e de infraestrutura foram bem modestos até então, mas já representam uma grande melhoria, indicando aos empreendedores locais que o ambiente de atuação está mudando aos poucos e que estes empreendimentos, apesar de pequenos, são influenciados por estas mudanças.

Se adaptar à nova realidade é o que a maioria dos empreendimentos precisarão fazer. As entrevistas feitas mostram que alguns empreendedores já estão cientes destes efeitos e já pensam em ações que os permitam superar as dificuldades ou potencializar as oportunidades encontradas para seus negócios. Esta será a evolução do agente frente ao contexto, este será o desafio dos empreendedores.

Os depoimentos colhidos mostram que neste novo cenário a tendência é que novos empreendimentos se iniciem, afinal novas oportunidade para empreender surgem em momentos de mudanças como este. Além disso, os empreendimentos já abertos tendem a sair aos poucos da informalidade, em virtude do maior acesso à informação e à educação.

6 Referências

- BOAVA, Diego L. T. e MACEDO, Fernanda M. F. Estudo sobre a essência do empreendedorismo. Congresso Enanpad 2006. Salvador (BA), 2006.
- CAMARGO, Denise; CUNHA, S. K.; BULGACOV, Y. L. M. A psicologia de McClelland e a economia de Schumpeter no campo do empreendedorismo. Revista de desenvolvimento econômico, Salvador, ano 10, número 17, p. 11-120, janeiro de 2008. Disponível em: <<http://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1032>>. Acesso em 19 de agosto.
- CANTILLON, R. *Essai sur la Nature du Commerce en Général*. London: Frank Cass Ltda., 1959. Disponível em: <<http://www.econlib.org/library/NPDBooks/Cantillon/cntNTCover.html>>. Acesso em: 19 de agosto de 2013.
- COSTA, A. B. O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter. Cadernos IHU Idéias. Ano 4, número 47, ano 2006. Disponível em: <http://www.dmwebstudio.com.br/magali_de_macedo/wpcontent/uploads/2009/08/schumpeter_por_costa.pdf>. Acesso em: 19 de agosto.
- IBQP (Instituto brasileiro de qualidade e produtividade). GEM – Global Entrepreneurship Monitor 2012. Disponível em: <<http://www.ibqp.org.br/gem/>>. Acesso em 18 de agosto de 2013.
- JUNIOR, F. G. P.; CORRÊA, M. I. S.; SOUZA, A. C. R. A Identidade Cultural e a Articulação de Caráter Empreendedor na Busca por Um Desenvolvimento Local. Congresso Enanpad 2006. Salvador (BA), 2006.
- JUNIOR, F. G. P. O Empreendedor e Sua Identidade Cultural: em Busca do Desenvolvimento Local. Congresso Enanpad 2005. Brasília (DF), 2005.
- KETS DE VRIES, M. F. R. The anatomy of the entrepreneur: clinical observations. *Human Relations*, v.49, n. 7, 1996.

- LINDO, Máira R.; CARDOSO, Patrícia M.; RODRIGUES, Mônica E.; DOS SANTOS, U. W. B. Conflito Vida Pessoal vs. Vida Profissional: Os Desafios de Equilíbrio para Mulheres Empreendedoras do Rio de Janeiro. Congresso Enanpad 2007. Rio de Janeiro (RJ), 2007.
- MARIANO, Sandra R. H.; MORAES, Joysi; MEDEIROS, Silvio J. Empreendedorismo na base da pirâmide social: o fenômeno das lan houses na comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro. Congresso Enanpad 2011. Rio de Janeiro (RJ), 2011.
- MARTINELLI, L. A. S. e FLEMING, E. S. O Comportamento Empreendedor: a Influência das Características Emocionais na Motivação dos Indivíduos para a Ação Empreendedora. Congresso Enanpad 2010. Rio de Janeiro (RJ), 2010.
- MINELLO, Italo Fernando; ALVES, Leticia da Costa; SCHERER, Laura Alves. Insucesso empresarial: uma perspectiva de empreendedores que vivenciaram o fracasso. Congresso EGEPE 2012. Florianópolis (SC), 2012.
- PATTON, Michael Quinn. Qualitative research and evaluation methods. Califórnia: Sage Publications, 2002.
- RIBEIRO, R. C. L.; DE FREITAS, Ana A. F. Personalidade Empreendedora, Recursos Pessoais, Ambiente, Atividades Organizacionais, Gênero e Desempenho Financeiro de Empreendedores Informais. Congresso Enanpad 2009. São Paulo (SP), 2009.
- ROCHA, A. da e SILVA, J. F. da. Inclusão social e marketing na base da pirâmide: uma agenda de pesquisa. *ERA Eletrônica*, v. 7, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www16.fgv.br/rae/redirect.cfm?ID=5367>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- SOUZA, M. J. B.; TRINDADE, Fernanda M. FREIRE, Robson. Empreendedorismo sob o enfoque de diferentes perspectivas teóricas. Coleção Empreendedorismo e Estratégia. Página 41 à 54. Disponível em: <<https://www2.pucpr.br/ebook/9788572922043.pdf#page=43>>. Acesso em: 19 de agosto de 2013.
- YIN, Robert K. Estudo de Caso. São Paulo: Bookman, 2005.